

# A GESTÃO DAS EMOÇÕES NA EDUCAÇÃO

## REFLEXÕES, PROPOSTAS E DESAFIOS

Felipe Chibás - Universidade Grande ABC

Ana Lucia Nogueira Braz - Universidade Grande ABC

**RESUMO:** O presente artigo aborda os aspectos emocionais durante o processo ensino aprendizagem. Aborda as diversas relações entre a educação e a gestão das emoções e sentimentos no âmbito do aprendizado atual. Apresenta uma classificação dos processos afetivos e propõe a criação de uma cultura dos sentimentos para facilitar o processo educacional criativo. O objetivo principal do presente trabalho é mostrar algumas reflexões que partindo da prática e pesquisas realizadas possam contribuir para a compreensão da importância da estimulação dos processos afetivo-motivacionais como motor da aprendizagem. Mostrar caminhos e medidas metodológicas práticas para gerir as emoções e sentimentos no âmbito da sala de aula. Descreve um novo paradigma da gestão educacional incluindo as emoções como ponto fundamental.

**ABSTRACT:** This article addresses the emotional aspects during the learning process. It addresses the various relationships between education and management of emotions and feelings within the current learning. Presents a classification of affective processes and proposes the creation of a culture of feelings to facilitate the educational process creative. The principal objective of this study is to present some reflections from practice and research conducted to contribute to the understanding of the importance of stimulating the affective-motivational processes like a motor of the learning. Shows methodological practices, task and activities to manage the emotions and feelings in the classroom. Describes a new paradigm of educational administration including emotions as a key point.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Gestão das emoções – Gestão Educativa- Aprendizagem e Afeto

**KEYWORDS:**

Management of emotions,  
- Educational Management -  
Learning and Afect

*Artigo Original*

Recebido em: 12/04/2012

Avaliado em: 01/07/2013

Publicado em: 04/06/2014

*Publicação*

Ananguera Educacional Ltda.

*Coordenação*

Instituto de Pesquisas Aplicadas e  
Desenvolvimento Educacional - IPADE

*Correspondência*

Sistema Ananguera de  
Revistas Eletrônicas - SARE  
rc.ipade@ananguera.com

## 1. INTRODUÇÃO

A qualidade na educação nos âmbito da escola formal e nas instituições educacionais não formais vem sendo uma preocupação crescente, no que diz respeito ao desenvolvimento qualitativo real dos formados, visto que o crescimento do número de escolas, faculdades, centros universitários e demais instituições de ensino, assim como da matrícula destas em muitos países, entre eles o Brasil, nem sempre é acompanhado do necessário salto qualitativo na preparação profissional da educação, gestores educacionais e educadores.

Junto a outros elementos de análise pode-se dizer que uma educação mais integral, envolvendo a Educação e Gestão Emocional ainda não foi assimilada pelos projetos educativos formais e não formais, tanto no ensino de crianças, adolescentes e adultos. Devemos ressaltar que a formação profissional universitária e técnica deveriam ser capazes de formar não apenas profissionais com grande capacidade técnica, que domine certo número de competências e habilidades de ordem essencialmente cognitiva, mas também deveria formar pessoas no qual essas capacidades cognitivas, tenham um adequado equilíbrio com os estados e disposições de caráter preponderantemente emocional / afetivo.

Em nosso cotidiano em sala de aula, assim como no contato com colegas ligados a educação e com os próprios alunos universitários, ou mesmo os que se preparam para a carreira docente, não notamos o interesse necessário por esse corpo de conhecimentos que evolui no campo da psicologia e da educação.

Interessante ressaltar que ao longo do século XX, os estudos relacionados à formação de educadores foram baseados em princípios eminentemente cientificistas, lógicos, racionais, didáticos, que são importantes sem duvida alguma, porém, pouco foi produzido de pesquisas voltadas para a formação emocional, inteligência emocional e afetiva desses educadores e suas relações com a aprendizagem de seus educandos. Afirmar que as emoções e a afetividade são importantes no processo educativo é redundante, pois vários autores como Piaget, Vygotsky, Wallon, à citaram como essencial, porém tanto a Educação Emocional como a gestão emocional, ainda não foram devidamente estudadas e desenvolvidas pelos currículos escolares e/ou projetos educacionais tanto plano da educação infantil, fundamental, médio, assim como no ensino superior. Embora muito se fale de educação integral são poucas as intervenções realizadas em todas instancias de ensino, com vista ao desenvolvimento pessoal e emocional dos estudantes.

A formação afetivo-cognitiva do educando constitui um dos pilares essenciais do desenvolvimento que permite o surgimento e posterior progresso de complexas qualidades e modos de funcionamento motivacional da personalidade. Esta formação integral poderá contribuir para que o aluno se veja como possuidor de um conjunto de capacidades e forças psicológicas na solução dos problemas práticos que enfrentará no dia a dia em sua vida e

no exercício da profissão, contribuindo à manifestação plena da sua criatividade e a sua formação ética.

O presente trabalho prestar-se-á maior atenção ao aspecto afetivo da educação, mesmo que se compreenda que nenhum elemento da educação e da vida psíquica é puramente afetivo ou cognitivo, mas sim que surgem e funcionam a partir da união de ambos os fatores (afetivo e cognitivo). O objetivo principal do presente trabalho é trazer algumas reflexões, de nossa prática docente e de pesquisadores, que possam contribuir para a compreensão da importância da estimulação afetivo-motivacionais como elemento essencial do processo de ensino-aprendizagem.

---

## 2. OS FENÔMENOS AFETIVOS - EMOCIONAIS

Para que possamos compreender o papel dos fenômenos afetivo-motivacionais na educação, é necessário ressaltar que estes aspectos ganharam importância mais evidente com os trabalhos de Gardner (1995), sobre as inteligências múltiplas, afirmando que os seres humanos não possuíam uma única inteligência, fator G (Inteligência Geral) mensurado pelos testes de QI (Quociente Intelectual), mas sim um conjunto de inteligências interligadas, porém, autônomas. São elas; inteligência lingüística; lógico matemático; espacial; corporal-cinestésica; musical; interpessoal e intrapessoal. Estas duas últimas são consideradas por Gardner (1995) como inteligência pessoal e afirma que as inteligências intra e interpessoal “... não são muito bem compreendidas, difíceis de estudar, mas imensamente importantes” (GARDNER 1995:15). Uma das razões de ser foco de nossas reflexões.

Segundo Franco (2007) na década de 90, surge o conceito de Inteligência Emocional de Myers e Salovey (1993) que a define como: “um conjunto de habilidades mentais que permitem perceber e conhecer o significado de padrões das emoções, e raciocinar e resolver problemas a partir deles”(FRANCO 2007: 125). Gardner (1995) descreve o conceito de inteligências múltiplas e incluiu a inteligência intrapessoal, sendo que esta poderia ser precursora da inteligência emocional.

Atualmente o que entendemos como fenômenos emocionais e afetivos são, em suas mais diversas variantes, os que sinalizam o valor dos objetos, fenômenos e situações que rodeiam ao sujeito cognocente, distinguindo-os não só quanto a uma valoração no *continuum* positivo-negativo ou agradável-desagradável, mas sim, além disso, diferenciando os distintos objetos, situações e idéias, de acordo com sua importância e significação para o indivíduo. Isto é, contribuem à formulação de um sentido pessoal ou individual dos diferentes significados (leia-se conhecimentos e habilidades, assim como qualidades pessoais), das quais o sujeito se apropria ou constrói, individualmente ou através de outros. De acordo com esta valoração afetiva ou significação pessoal do que lhe rodeia, estrutura-se o comportamento do educando.

Os processos afetivos também são os encarregados de orientar ao indivíduo de modo geral e relativamente estável no tempo, por volta de um ou outro nível funcional-energético de sua atividade vital (ASIEEV 1983). Desta forma, tanto o educando como o professor pode passar por distintos estados de ânimo, tais como: sentir-se alarmados ou ansiosos, intelectualmente ativados, alegres e de bom humor para raciocinar e criar, ou pelo contrário, desinteressados e passivos, tristes e de mau humor, sem intenções de raciocinar e gerar ideias. Estes estados podem permear a conduta durante certo tempo. Mas, os afetos ou fenômenos emotivos desempenham um papel essencial não só no referente à individualização que realiza o aluno dos conhecimentos que constrói de maneira conjunta com o professor e o resto de seus companheiros, mas sim têm um importante papel nas relações que se estabelecem entre os diferentes elementos humanos que intervêm no processo formativo.

Os processos emocionais constituem, além disso, um magnífico ponto de referência sobre o estado motivacional, pois nos informam em que grau se está ou não satisfazendo as distintas necessidades da personalidade, se estão alcançando ou não seus objetivos imediatos e mediatos. Deste modo, retroalimentam o indivíduo, lhe permitindo modificar seu comportamento ou mantê-lo, na medida em que se estejam satisfazendo ou não suas necessidades fundamentais na inter-relação educativa. Os fenômenos emocionais estão presentes desde o instante em que começa a fluir o processo docente, seja no espaço formal ou não formal, este nos informa se tudo está transcorrendo dentro do esperado ou nos diz que existem carências que devem ser satisfeitas. Entretanto, os estados afetivos podem não só incitar à ação, mas também podem construir barreiras para as realizações de ações necessárias em determinado momento, freando-a ou conduzindo-a a suspensão total. Assim, por exemplo, se a inter-relação professor x aluno se produz em um clima emocional de desconfiança ou se reinar uma atmosfera de total incerteza e ambiguidade, que provoque ansiedade, esta relação, provavelmente inibirá a tendência dos educandos a incorporar de maneira ativa os conhecimentos, capacidades e competências, assim como as qualidades psicológicas necessárias ao tipo de profissional que desejamos formar (ROGERS, 1989 e CUNHA, 1991).

---

### **3. OS SENTIMENTOS: SUA SIGNIFICAÇÃO NO TERRENO EDUCATIVO**

Dentro dos processos emocionais, pensamos que os estados afetivos específicos envolvidos na atividade educativa, os relativos ao processo de ensino-aprendizagem e ao processo formativo, tais como atmosfera afetiva agradável, nível de ansiedade, tolerância à ambiguidade, predomínio dos estados de humor positivo durante a aprendizagem, possuem um papel significativo. Aqueles que possuem um caráter mais generalizado e não se associam a um conjunto de situações educacionais também são importantes.

Estes últimos se associam às formações motivacionais complexas e ao modo de

funcionar da personalidade, e por isso são mais estáveis no tempo. Estes processos ou vivências psíquicas complexas são as que denominamos de sentimentos. Como exemplos deste tipo de processos emocionais, podemos citar os sentimentos de autoestima, os sentimentos morais, o amor; e dentro deste último, o amor a si mesmo, as pessoas, ao casal, etc. Estes sentimentos possuem um peso significativo dentro do processo educativo.

Não por acaso Carl Rogers (1989) já na década de 60, clamava pela necessidade de uma aprendizagem significativa, global ou integral da pessoa, que contemplasse, além do cognitivo, os sentimentos e emoções em todo seu diapasão.

É importante ressaltar que ao falarmos da afetividade nos processos educativos devemos lembrar que o papel do professor é de fundamental importância, não apenas por ser o detentor do saber teórico, mas por seu poder na relação com os alunos. Este poder pode se apresentar de diferentes maneiras, como poder autoritário, poder de especialista, poder pessoal. Este último é demarcado por Rogers (1983) como muito importante na aprendizagem significativa e definido como: poder que se origina do próprio indivíduo e refere-se às características, experiências, conhecimentos, grau de competência técnica e estilo de relacionamento interpessoal. É um conjunto de atributos pessoais e/ou profissionais e, desta forma, não pode ser distribuído, nem atribuído. O poder pessoal tende a orientar-se para o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade e auto-iniciativa. É estimulador da abertura e da expansão.

Essa denominação de poder pessoal é basicamente utilizada nas concepções teóricas das obras de Carl Rogers, que afirma que este é uma habilidade individual para atualizar-se como pessoa no processo contínuo de realização do potencial humano inacabado e em evolução. É a potência para ser em interação com os outros, nos níveis mais amplos da vida. É também a capacidade de amar e de ser amado. Capacidade para pensar racionalmente e autonomamente para aprender com a vida e para modificar o mundo pela ação a serviço da vida em si e dos outros. É um poder para e não um poder sobre.

O poder pessoal pode manifestar-se de três formas:

- a) conhecimento: é a competência técnica relevante para a posição ocupada. Habilidade técnico-profissional, conhecimento e experiência específica na área;
- b) apoio: é a capacidade de estimular e envolver superiores e subordinados em diferentes atividades, facilitando às pessoas entrar e aceitar desafios. É básico para a integração de grupos.
- c) competência interpessoal: é a capacidade de comunicação, empatia, abertura, flexibilidade e respeito para com as pessoas com quem se está relacionando.

O termo poder interpessoal também é utilizado por Cartwright que o define como:

“ o poder de um indivíduo(A) sobre outro(B) (com relação a determinada opinião); é igual a máxima força que um indivíduo(A) pode induzir em um indivíduo (B) menos a força máxima de resistência que o indivíduo (B) pode mobilizar na direção oposta. A base deste poder interpessoal é definida como a relação mais ou menos duradoura entre dois ou mais indivíduos que permite o aparecimento do poder “. (CARTWRIGHT 1959:773)

Não é fortuito então, que nas diversas correntes e enfoques pedagógicos tradicionais e atuais lhe outorguem cada vez um peso maior aos fenômenos afetivos na hora de analisar e conceber o processo educativo e formador nos mais diversos contextos (FROMM, 1959; C. R. ROGERS, 1989; G. LOZANOV, R. COHEN, 1982; O. R. BAG, 1992; J. S. RENZULLI, 1983; R. L. FIRESTIEN E R. J. MC COWAN, 1988; R. J. STERNBERG E T. I. LUBART, 1991; MC COMBS, 1989; GOLEMAN, 1996). Mas ainda se pensamos a educação como um processo inovador, seja ele dentro do espaço formal de uma instituição de ensino ou em espaços não formais como pode ser uma plataforma e-learning na Internet. A inovação é estimulada por emoções positivas, mas pode ser desestimulada pelo medo ou o pelo castigo (DIEZ, 2010).

#### 4. O AMOR E SUA IMPORTÂNCIA DURANTE O PROCESSO EDUCATIVO

Dentro de todos os processos emocionais afetivos, consideramos que os sentimentos merecem especial atenção, dadas suas características anteriormente descritas. O sentimento que possui especial importância é o amor, não em sua acepção mais clássica, como amor de casal, mas sim como inclinação especial pelo objeto do conhecimento, pelas vias e métodos para apropriar-se deste, assim como pelas particularíssimas relações que se estabelecem durante o processo ensino-aprendizagem entre os alunos, o professor e a tarefa intelectual.

Se definimos o amor como aquele sentimento ou vivência psíquica complexa que envolve à personalidade como um todo, levando o indivíduo a entregar-se sem limites a alguém ou algo que se personifica, com quem se estabelecem voluntariamente fortes e duradouros elos, tendo como base a existência de um projeto ou plano de vida, no qual se toma em conta, tanto as características essenciais próprias como as da pessoa ou fenômeno com o que se estabelece este especial vínculo, pode-se calibrar a importância que possui este sentimento, adequadamente orientado no processo educativo, para o desenvolvimento da motivação criadora, orientada para o estudo nos alunos do ensino fundamental, secundária e universitário (CHIBÁS e DÍAZ-PÁEZ, 1992).

Vamos entender um pouco como se desenvolve este sentimento desde o nascimento. Segundo Maturana (1998), a capacidade de amar está presente no nascimento, mas para florescer exige a maturação da consciência e da experiência de aceitação, carinho e prazer que surgem através do contato inicial da criança com um adulto que lhe cuide. Entretanto, não podemos nos esquecer, que o ser humano para se desenvolver não necessita apenas do cuidado de um ou mais adultos que satisfaçam suas necessidades fisiológicas e emocionais.

As interações estabelecidas com a cultura são fundamentais para o desenvolvimento, de relações interpessoais, habilidades sociais, as quais servirão de referência para o processo de socialização e para a própria organização dos sistemas sociais, que são definidos, como sistemas de convivência que se formam a partir do amor, emoção que constitui o espaço de ações e aceitação do outro na convivência.

As relações de amor, portanto, promovem experiências de troca com o ambiente e com o grupo, e à medida que essas trocas acontecem, vão surgindo novas sensações, emoções e cognições, que se traduzem em novas experiências e referências. Por essa razão, podemos dizer que as vinculações promovem um complexo processo de transformação e evolução pessoal e social, que se manifestam ao longo de toda a vida.

Dessa maneira, podemos dizer que quanto mais nos relacionamos, mais **exercitamos** nossa capacidade de amar, assim ampliamos a possibilidade de amar. Ressaltamos o termo exercitar, pois a capacidade de amar é uma potencialidade que todas as pessoas possuem, porém seu desenvolvimento depende, prioritariamente, das relações estabelecidas, principalmente, no início da vida e das interações cooperativas entre as diferentes pessoas que formam o sistema social de convivência.

O amor pelo estudo e pela profissão deve ser a nosso julgamento, um componente necessário da motivação profissional quando esta alcança seu mais alto grau (intenções profissionais). Este sentimento, deve estar presente e dirigido para a aprendizagem e o auto-desenvolvimento profissional dinamiza as capacidades e diversas potencialidades do sujeito a um grau tal, que o leva a superar problemas de forma autônoma, criativa e espontânea, assim como procurar vias de solução destes. Através desse sentimento, se produz um crescimento acelerado das diferentes capacidades específicas relacionadas com a profissão estudada ou exercida; embora esta relação entre o sentimento e as capacidades não se estabeleça de maneira direta, a não ser através da valoração que faz a personalidade desta inter-relação para si. A existência de desse sentimento pode provocar um crescimento pessoal em outras esferas da vida psíquica que não tenham uma relação direta com o processo educativo.

De uma forma ou outra se reconhece nas diferentes culturas, embora em diferente grau e amplitude, o vínculo do amor com as motivações que ocupam um nível superior dentro da hierarquia motivacional, sua relação com as formações motivacionais complexas (auto-avaliação, auto-concepto, nível de aspiração, ideais, visão do mundo, etc.), assim como seu enorme potencial regulador quando este se converte em uma força impulsora e orientadora do processo motivacional, tanto no transcurso como no início e final de este.

Este sentimento está sempre associado com o sentido que o individuo outorga a sua vida e constitui uma forma de expressão do grau em que se encontram satisfeitas suas motivações e necessidades espirituais essenciais.

As pessoas apaixonadas pela vida em geral, ou numa esfera específica desta, como pode ser de seu esposo ou esposa, sua profissão, processo de aprender, inovar ou descobrir por si mesmo, etc., tendem a ter uma mais elevada auto-estima e auto-confiança, em sentido geral, ou na esfera específica em que se envolveram como sujeitos. Também acostumam ter uma maior estabilidade emocional, se auto-avaliam melhor e, por regra geral, inclinam-se a ser mais autônomos e criativos, tendo objetivos pessoais mais exigentes, com um nível de aspiração elevado de maneira geral, ou na esfera específica em que se envolvam.

De todo o até agora exposto, pode-se coligir a enorme complexidade das complexas relações subjacentes aos sentimentos. Pode ser por esta uma das razões, que determinou que os sentimentos em geral e o amor em particular, tenham sido pouco estudados de maneira científica. As pesquisas empíricas se direcionam mais a aprofundar em objetos de estudo aparentemente mais tangíveis. Assim, estudou-se a intimidade e os fatores que a influenciam, as atitudes necessárias para propiciar as diferentes mudanças sociais em relação aos gêneros, assim como os diferentes comportamentos aprendidos que dificultam a expressão da sexualidade, etc. Estas pesquisas foram direcionadas quase todas à compreensão do relacionamento do casal, mas sem aprofundar na qualidade e natureza específica do sentimento amoroso. Esta carência se faz ainda mais notável quanto ao estudo do sentimento amoroso associado ao processo educativo, assim como quanto às relações desse sentimento com outras formações e processos psicológicos, e sua influência no rendimento docente.

---

## 5. O QUE É UMA CULTURA DOS SENTIMENTOS?

Cultura dos Sentimentos são o desdobramento e fomento ulterior de um sistema direcionado de influências educativas com a finalidade de formar um indivíduo que se aproprie e seja capaz de utilizar de maneira personalizada, em seu comportamento e atividade cotidianas, de alguns dos conhecimentos e experiências acumulados pelas diferentes disciplinas das ciências sociais em geral e das ciências psicológicas em específico, a fim de provocar um melhor desenvolvimento de este (CHIBÁS e DÍAZ-PÁEZ, 1992).

Acreditamos que o desenvolvimento de uma cultura dos sentimentos, dentro e fora do espaço acadêmico, traria por consequência, indivíduos que não só se apropriassem de um conjunto de recursos psicológicos que lhes permitissem enfrentar mais adequadamente a vida social atual, mas também além disso, surgiriam neles determinadas disposições de caráter cognitivo junto a outras de caráter afetivo-motivacional e personológicas, que lhe facilitariam o desfrute a plenitude da vida em suas diferentes facetas –inclusive a a educativa– contribuindo desse modo de maneira colateral à preservação de sua saúde e da sociedade.

Este enfoque que denominamos Cultura dos Sentimentos na Vida Cotidiana, compreenderia tanto ao resultado (conjunto de atividades e comportamentos dirigidos a



apropriar-se dos conhecimentos acumulados pela ciência psicológica dos indivíduos, assim como as mudanças comportamentais provocadas nas pessoas produto desta apropriação) como o processo em si, ou seja, o desdobramento do sistema de influências educativas imprescindíveis para gerar esses comportamentos nas pessoas.

Este sistema de influências estaria conformado por três grandes subsistemas educativos em contínua interdependência, encaminhados a formar no indivíduo determinadas competências, conhecimentos, hábitos e habilidades (subsistema onde prepondera o fator cognitivo), formações motivacionais complexas, atitudes, valores, estados e disposições afetivas.

Este sistema de influências educativas de Cultura dos Sentimentos para a Vida Cotidiana perseguiria como uma de suas metas essenciais, resgatar o valor do plano afetivo para a correta inteligência da psique humana, procurando um adequado equilíbrio entre os pólos cognitivo e afetivo nas diversas esferas da vida humana em geral e da educação em particular. Seu objetivo principal é estruturar um conjunto de influências educativas, que hoje passam de forma dispersa e espontânea, para um sistema dirigido de influências educativas focadas fundamentalmente em desenvolver o pólo afetivo do processo ensino-aprendizagem com vistas a desenvolver no aluno valores, idéias e comportamentos associados ao amor pelo estudo à profissão estudada, os colegas, a instituição de ensino, etc.

Deste modo se poderiam tratar os problemas do indivíduo dentro da educação, sem perder de vista o contexto social geral que este se desenvolve e as vivências emocionais que este suscita, dado que o indivíduo é único, tanto quando está na sala de aula como quando está fora desta. Desta forma se contribuiria a construir uma ponte entre o mundo peculiar do estudante, com suas características, vivências e valores adquiridos em suas famílias e comunidades e um mundo não afetivo, dos conhecimentos científicos que proporcionam os programas docentes (BAG, 1992).

Promover uma Cultura dos Sentimentos nos espaços acadêmicos formais e não formais contribuiria para promover um ser humano mais equilibrado interna e externamente e muito mais saudável, que não só se adapte a seu meio social, mas também, além disso, consiga transformá-lo.

Ressaltamos a urgência da implementação de uma Cultura dos Sentimentos, direcionada para potencializar a expressão de afetos e sentimentos positivos e em consonância com os objetivos almejados pela educação. Ela pode contribuir para solidificar e aprofundar a aprendizagem que se produz nas salas de aula, assim como garantir em maior medida sua aplicação na praxe.

O emprego deste enfoque permitiria a aplicação de dissimiles conhecimentos, experiências e modos de intervenção provenientes das diferentes disciplinas da Psicologia, Pedagogia, Sociologia, entre outras ciências aplicadas com vistas a que num futuro o

indivíduo possa adquirindo-os e empregando de maneira autônoma e ministrando-se a si mesmo, ou seu grupo ou comunidade próximos quando for necessário. Para este fim podem ser úteis os meios de comunicação de massas e as campanhas publicitárias centradas por estes, além disso, outras vias e formas de intervenção de caráter orientador, que pudessem desempenhar um papel complementar com respeito ao conjunto de influências educativas recebidas no lar e na escola.

A orientação e educação afetivas – vinculadas intimamente ao resto dos elementos do processo educativo – deverão redirecionar e generalizar o sentimento amoroso já existente nas pessoas que já se encontrem em posse deste para a aprendizagem. Deste modo se conseguiria expor o ato de aprendizagem em uma nova perspectiva, como função de um psiquismo aberto sobre a realidade externa, localizando-se o prazer do contato e a apropriação da realidade como eixo do pensamento (QUIROGA, 1986). Estas vias orientativa-educativas podem também servir de facilitadoras e catalisadoras para a formação de tais sentimentos e demais estados afetivos associados.

Pode ser este um dos elementos que ajude ao estudante a perceber a escola ou à universidade não como aquele lugar onde ele terá que fazer o que lhe impõem, mas sim como um lugar onde também está realizando algo que deseja fazer por si.

A sala de aula não deve ser para o estudante somente um meio para alcançar um objetivo (o de graduar-se). Esta deve se converter em um espaço, que se deseje frequentar. Isto pode contribuir para transformar a percepção da situação de aprendizagem de uma situação que não provoque prazer para uma situação vivenciada como algo muito agradável.

O sentimento de amor bem orientado para a esfera da aprendizagem, também pode funcionar como uma plataforma ou sustento que ajude a rebater o efeito da ambiguidade e ansiedade que é provocada pelo processo de conhecer e gerar idéias.

Este sentimento amoroso orientado para os outros (colegas, professores, funcionários da instituição de ensino, etc.) e para a aprendizagem pode também servir ao sujeito como sustento frente aos obstáculos cotidianos e pequenas frustrações que fazem parte do processo de aprendizagem, lhe servindo de guia e incentivo para sobrepor-se a estes, assim como pode contribuir para que apareça nos alunos, a sensibilidade para detectar elementos e situações problemas, assim como a via para solucioná-los. Basta dizer, que conforme se comprovou em numerosas investigações, as pessoas criativas – entre outras características –, distinguem-se não só por sua capacidade de solucionar, de maneira inovadora determinadas situações problema, mas também, descobrir ou achar tal tipo de situações, ali onde outros somente verão algo comum (BONO, 1986; CHIBÁS, 1992).

O sentimento de amor pelo descobrimento é um dos fatores que distinguiu às pessoas que mais se destacaram pelo seu rendimento criativo, tanto nas artes como nas ciências (DOUGLAS e MOUSTAKAS, 1988). O amor, assim dirigido teria, além disso, particular

significação para a colocação de objetivos a médio e longo prazos, dado seu caráter relativamente estável.

A influencia do amor no desenvolvimento de práticas educativas através do sistema da Cultura Psicológica dos Sentimentos para a Vida Cotidiana, além de encaminhar-se à preservação de valores humanos essenciais, também dirigidas para ensinar uma atitude emocional positiva para as relações interpessoais, para consigo mesmo, com os objetos e fenômenos do mundo em geral, pois na medida em que o aluno valorize adequadamente as matérias que estude, sinta-se satisfeito emocionalmente em seu grupo de colegas, respeite e sejam respeitados pelo professor e demais companheiros dentro do sistema de comunicação que se estabeleça entre eles.

Alem do exposto acima, cabe ressaltar a necessidade de se desenvolver formas de intervenções educativas que lhe emprestem particular atenção ao fator ou plano afetivo, adequadamente vinculado ao cognitivo, citam-se a seguir os argumentos que expõe Todt, 1982, em favor de um ensino e educação que tenha nítidos e acessíveis objetivos afetivo-motivacionais:

1. Uma educação basicamente cognitiva, fundada em uma afetividade rígida e indiferenciada, favorece o dogmatismo e a rigidez.
2. Não existem provas científicas de que para aprender as capacidades afetivas sociais comportamentais, necessite-se mais tempo que para as cognitivas.
3. Uma educação afetiva defeituosa dificulta o alcance dos objetivos de aprendizagem cognitivo, pois existe uma grande interdependência entre as esferas cognitiva e afetiva.
4. A escola e a universidade devem e podem ajudar a equilibrar as carências ou deficiências de uma socialização familiar ou extra-escolar, deficiente na esfera emocional.
5. Existem instrumentos úteis para avaliar os estados afetivos.
6. Existem diferentes vias, metodologias e técnicas educacionais que permitem atingir o objetivo de montar um sistema de influencias educativas no qual se estimulem por igual os processos afetivos e cognitivos no marco da educação. Vias metodológicas concretas que possibilitam a implementação e desenvolvimento de uma Cultura dos Sentimentos.

O que apontamos não é à criação de uma educação e orientação dos sentimentos separada dos diferentes objetivos de caráter cognitivo que usualmente estas se propõem alcançar. Na verdade advogamos por uma adequada imbricação de ambos os tipos de objetivos, afetivos e cognitivos, nos programas curriculares escolares e universitários. Para isto não haveria por que criar novas disciplinas, senão focar de uma maneira distinta as já existentes, tanto as que respondem à área de humanas e ciências sociais como as classificadas como pertencentes à área de ciências naturais e exatas.

Algumas vias de influencia educativa que se mostram como possíveis caminhos para a obtenção de maneira prática de objetivos de caráter predominantemente afetivo na educação, desde que adequadamente imbricados com os de caráter essencialmente cognitivo são:

1. Utilização das técnicas de dinâmica de grupo para provocar uma aprendizagem vivencial, sempre e quando as características dos temas e a disciplina assim o permitam.
2. Utilização de diferentes estratégias, métodos e técnicas de criatividade que ponham em jogo não só as habilidades cognitivas, mas também determinadas disposições e potencialidades afetivas.
3. Utilização do método do Psicodrama, a fim de fazer intervir o corpo e todos os elementos emocionais da situação no “aqui e agora” (B. J. Vermelhas, 1984), sempre e quando as finalidades da disciplina assim o permitam. Neste sentido existem experiências positivas na Educação Superior, mediante o uso deste método com estudantes da graduação e a pós-graduação (M. Sorín, 1990).
4. Incentivo da educação artística, entendida como o ensino de uma visão valorativo-estética da realidade e não apenas como ensino da arte.
5. Uso e apropriação, por parte dos alunos e do professor, de diversos métodos de relaxamento, que lhes permitam melhorar seu estado anímico quando fizer falta, assim como manter em um nível adequado a ansiedade que produz o processo de aprendizagem. O uso destes métodos é sugerido pelo professor G. Lozanov (citado por R. Cohen, 1982) como uma parte muito importante do novo procedimento pedagógico que proponha.
6. Preparação afetivo-motivacional adequada dos professores que vão ministrar este tipo de educação – mais equilibrada, quanto aos polos cognitivo e afetivo – que lhes permita além de ser condutores do raciocínio cognitivo geral, converter-se em coordenadores-facilitadores dos processos afetivos. (ROGERS, 1989). Desta forma não só os professores desenvolveriam determinados sentimentos e motivações, mas também seriam capazes de estimular estas emoções e sentimentos em seus alunos.
7. Utilização, sempre que for factível, situações da vida cotidiana e casos concretos para a condução de análises e debates, que permitam fazer cada vez mais imprecisos os limites entre o estritamente acadêmico e o mundo real cotidiano. Isto facilitaria também que os afetos suscitados em ambos os planos tendessem a fundir-se.
8. Trabalhar com as classes com problemas reais (RENZULLI, 1983) que precisem de resposta dentro ou fora do país. Isso permitiria envolver o estudante e fazê-lo muito mais responsável por sua própria aprendizagem, dado que deverá,

não só apropriar-se do conhecimento que recebe, mas também tentar produzir conhecimento novo para solucionar situação ou problema real. Deste modo, o conhecimento que se adquire vai tomando para ele um novo sentido, dado que este vai estar em busca de soluções reais aos problemas. Desse modo, os conhecimentos isolados cobram sentido, à luz de tentar achar uma solução para uma situação real.

9. Vincular o processo docente-educativo às principais necessidades e problemáticas que em frente à população e comunidades onde esteja localizada a instituição docente.

A nosso ver, seguir este caminho de transformações na educação, cobra ainda mais urgência dado a paulatina mudança que se está produzindo na concepção do ensino atual, na qual tende cada vez mais a perceber o processo ensino-aprendizagem como produto de uma construção conjunta do conhecimento, e não mais como um “verter derramar” informação da parte do professor para o aluno, como se concebia tradicionalmente.

Isto traz como conseqüência, a transformação do papel do professor e do aluno dentro da sala de aula, onde o primeiro deixa de ser o onipotente possuidor da verdade e do conhecimento, que organiza o fornecimento e ordenamento da informação, para passar a ser o condutor-facilitador dos distintos processos grupais e individuais e muito especialmente do processo ensino-aprendizagem. Para isso o professor deve ser, por sobre todas as coisas, um excelente motivador e incentivador deste processo (ROGERS, 1989; BAG, 1991), no qual nenhum dos dois (professor e aluno) possui a verdade do conhecimento. Esta “verdade” se constrói a partir das elaborações de todos e sempre com caráter aproximativo e relativo.

Nestas circunstâncias, aumenta o papel da auto-determinação e do auto-direcionamento da aprendizagem por parte do aluno. Tudo isso contribui para aumento do papel dos fenômenos afetivos, pois se tornam de extrema importância para a auto-avaliação, para a auto-estima, o sentimento de autoconfiança que se tenha e o amor que se possua pelo processo de conhecimento em si, por quem lhe rodeia durante esta busca e pela profissão que se estuda. Estes processos afetivo-motivacionais complexos da personalidade se tornam pilares fundamentais do processo de conhecer nestas circunstâncias, nas quais podem crescer enormemente a incerteza e a ansiedade. Isto é esperado quando se trabalha com processos de ensino e aprendizado nos quais custa discernir entre o que é realmente valioso e verdadeiro, e o que não, dado que a claridade deste discernimento não a possui nenhuma das partes por separado (nem o professor, nem os alunos), mas ela surgirá aos poucos durante o processo de interação dos envolvidos no processo. (COMBS, 1989).

Esta forma de conceber o processo ensino-aprendizagem exige do professor e também aos alunos - mas sobre tudo do primeiro - a atitude de poder se colocar no lugar do outro, poder compreender afetivamente, o porquê do estudante atuar de uma ou outra maneira.

O professor assim mesmo deverá confiar no aluno em suas capacidades, sentimentos, raciocínios e buscas, respeitando os mesmos, assim como deverá ser capaz de não ocultar estas atitudes e seus sentimentos para o estudante, sendo capaz de expressá-los e comunicá-los ao outro (ROGERS, 1989).

Todas as vias e formas de difusão nas instituições educativas de uma Cultura dos Sentimentos envolvem necessariamente um olhar interdisciplinar, mas ainda se perseguimos a finalidade de uma educação criadora que forme ao mesmo tempo pessoas sensíveis e criativas. Qualquer mudança que se empreenda na educação envolve conflitos conceituais, éticos, ideológicos, entre outros, o que é mais uma razão para justificar uma mirada transdisciplinar (TORRE, PUJOL e MORAES, 2011).

---

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Estes caminhos sugeridos para efetuar uma educação que contemple mais dentro de sua estrutura e processos o fator afetivo, não constituem soluções únicas nem acabadas para esse problema complexo. Por isso, deixamos claro que o que até aqui expomos são apenas reflexões e propostas fruto da nossa experiência e aproximações numa área interdisciplinar complexa.

Mas é necessário iniciar pesquisas nesta direção se desejarmos formar cidadãos, verdadeiros profissionais capacitados, comprometidos, autônomos e criativos, que se comprometam realmente por solucionar as dificuldades que enfrenta a humanidade, seu país e sua comunidade com uma postura que implique na ética, vontade, perseverança e desfrute pessoal e profissional ao tentar achar soluções inovadoras.

Explorar mais a orientação como modalidade específica de trabalho educativo e psicológico, assim como a proposta de desenvolver nas escolas e instituições de ensino de uma Cultura dos Sentimentos para a Vida Cotidiana, podem e devem desempenhar um importante papel como instrumento de apoio de outras influências educativas de caráter cognitivo, assim como guiar vocacionalmente ao aluno.

---

## REFERÊNCIAS

- ASIEEV, V. G. "El problema de la motivación y la personalidad", In: Problemas teóricos de la psicología de la personalidad, Ciudad de La Habana: Pueblo y Educación, 1983.
- BAG, O. R. Institucional: hacia el grupo de contacto para la creatividad en el aula universitaria, México D. F.: Centro de Investigaciones y Servicios Educativos, 1992.
- CHIBÁS, F. Creatividad + Dinámica de grupo = ¿eureka!, Ciudad de La Habana: Pueblo y Educación, 1992.
- \_\_\_\_\_. "El amor a finales del siglo XX", In: Boletín Prelaciencia de Prensa Latina, no. 37, La Habana, 1992.
-

- \_\_\_\_\_. *Creatividad y Cultura, Ciudad de La Habana: Pueblo y Educación*, 2001.
- CHIBÁS, F. y A. DÍAZ-PÁEZ. Consultorio del amor: una experiencia nueva en la orientación (ponencia), "IV Encuentro de psicoanalistas y psicólogos marxistas", Facultad de Psicología, La Habana: Universidad de La Habana, 1992.
- DE BONO, E. *El pensamiento lateral*, Editorial Dayrols, México D. F., 1986.
- DIEZ, Alfonso. "La gestión del conocimiento y los procesos de innovación", In: *Encuentros Multidisciplinares*, No. 36, Vol. XII, Septiembre - Diciembre, Madrid: FGUAM, 2010.
- DOUGLAS, B e C. MOUSTAKAS. "Heuristic inquiry: the internal search to know", en *Journal of Humanistic Psychology*, vol. 25, no. 3, 1988.
- FIRESTEIN, R. L. y R. J. MC GOWAN. "Creative problem solving and communication behavior in small group", In: *Creativity Research Journal*, vol. 1, 1988.
- FRANCO; Maria da Gloria S. D'Eça Costa. *A Gestão das Emoções na Sala de Aula.- Projeto de modificação das atitudes emocionais de um grupo de docentes do 1º ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para Ciência e Tecnologia. 2007.
- FROMM, E. *El arte de amar*, Buenos Aires: Paidós, 1959.
- GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional*. São Paulo. Objetiva. 1996
- LOZANOV, G. "Entorno y educación", In: *Defensa del aprendizaje precoz de R. Cohen*, Barcelona: Planeta, 1982.
- MC COMBS, B. "The role of affective variables in autonomic learning, In: *Educational Psychologist*, vol. 24, no. 3, 1989.
- QUIROGA, A. P. *A modo de comentario*, Buenos Aires: Búsqueda, 1986.
- RENZULLI, J. S. "Guiding the gifted in the pursuit of real problems: the transformed role of the teacher", In: *Journal of Creative Behavior*, vol. 17, no. 1, 1983.
- ROGERS, Carl. R. ¿Puede abarcar el aprendizaje ideas y sentimientos?, In: *La Persona como centro*, Barcelona: Herder, 1989.
- SORÍN, Mónica. *El psicodrama en la formación del psicólogo: una experiencia vivenciada*, In: *Revista Interamericana de Psicología*, vol. 24, no. 1, Venezuela, 1990.
- STERNBERG, R. J. y T. I. LUBART. *Creating creative minds*, en *Phi Delta Kappan*, s/e, 1991.
- TORRE, Saturnino de la. *La adversidad esconde un tesoro*, Barcelona: Circulo Rojo, 2011.
- TORRE, Saturnino de la, PUJOL, Maria Antonia e C. MORAES. *La educación que queremos*, In: *Documentos para el cambio*, Barcelona: Circulo Rojo, 2011.
- TODT, E. *La motivación*, Barcelon